

Reação Direta

Os brasileiros ainda reclamam das medidas tomadas para enfrentar os efeitos da crise asiática, mas a respeitada revista americana *Newsweek* escolheu o presidente Fernando Henrique o estadista latino-americano do ano, pela coragem e presteza com que agiu na crise.

Ao fazer o balanço do ano, os editores da revista consideraram que o Brasil foi muito mais ágil que os países asiáticos, que demoraram a reagir e acabaram tragados pela crise, destacando-se entre as nações emergentes, sobretudo as da América Latina.

Se a percepção dos editores for compartilhada pelos administradores de recursos dos grandes fundos de investimento, o Brasil terá grandes possibilidades de sair mais rápido da crise do que os próprios brasileiros imaginam. A urgência com que o governo convocou a sociedade a fazer sacrifícios pode abreviar o aperto e a conquista de base econômica muito mais sólida. A capacidade de avaliação da revista e sua influência como formadora de opinião devem ser levadas em conta.

A América Latina teve o seu crescimento econômico associado ao modelo de Estado autoritário. A fórmula se descreditou na crise da internacional de 1982 e custou uma década de estagnação econômica, hiperinflação e forte concentração de renda para toda a região.

Os países do Sudeste asiático, com reformas na estrutura fundiária e do Estado, além de investimentos pesados em educação, conseguiram atrair capitais internacionais e por isso cresceram muito no vácuo da crise fiscal e de balanço de pagamentos da América Latina.

Mas, a crise continental teve o mérito de gerar profunda reflexão política. A redemocratização em quase todos os países abaixo do Rio Grande tornou-se de inestimável valor. Os paí-

ses asiáticos continuam centralizadores, autoritários, pouco representativos da vontade democrática da população.

A legitimidade democrática do presidente Fernando Henrique, eleito no primeiro turno com 60% dos votos, o autorizou a tomar medidas amargas durante a crise do México, logo no começo do seu governo, e agora durante a primeira crise globalizada das bolsas.

Os ventos democráticos que varreram a América Latina e estimulam os países do Mercosul a pressionar contra tentativas de golpe militar no Paraguai, ainda não chegaram ao Sudeste asiático. A região, de acordo com as previsões do Fundo Monetário Internacional, deverá ter forte desaceleração econômica em 98. A Tailândia, a Indonésia, a Malásia e as Filipinas, juntas, devem crescer 1,7%, contra 4% este ano.

Já a América Latina poderá ver sua taxa de crescimento declinar dos 5,2% deste ano para 3,5% no ano que vem. As previsões do Fundo para o Brasil indicam um crescimento positivo de 1,5% no Produto Interno Bruto, contra os 3,5% previstos em outubro, antes da crise das bolsas. Mas essa desaceleração pode facilitar a queda das taxas de juros.

Na visão do FMI, os efeitos da crise das bolsas serão mais duradouros que os da crise cambial do México, porque a recuperação da confiança dos investidores internacionais será mais lenta. O fluxo de capitais para os países emergentes caiu de US\$ 259 bilhões em 1996 para US\$ 181,5 bilhões este ano. Na América Latina permaneceu praticamente estável: US\$ 83,1 bilhões em 96 e US\$ 87,9 bilhões este ano. Enquanto as reformas fiscais não aumentarem a poupança interna, não dá, portanto, para o governo relaxar o controle sobre a economia brasileira.